

**Erickson, Sandra S. F., e Erickson, Glenn W. *Logos & poesis: neoplatonismo e literatura*. Natal: EDUFRN, 2006. 193 páginas.**

*Pablo Capistrano\**

Uma forma usual de problematizar as relações possíveis entre literatura e filosofia se dá através do manuseio de definições. Compreender abstratamente a definição de literatura e a definição de filosofia para, a partir daí, problematizar seus espaços de contato pode ser uma imensa tentação intelectual, mas, talvez, não seja o melhor caminho para se tratar do tema. A ilusão metafísica de que existem duas categorias fechadas (“literatura” e “filosofia”) pode contribuir para um exercício aporético e circular que não leva muito longe. O melhor modo de se tratar das relações envolvendo textos literários e filosóficos parece ser mesmo o de observar, *in loco*, como obras filosóficas dialogam com obras literárias. Abandonar a ilusão da existência de universais fechados e compreender os particulares em suas particularidades. O livro objeto da presente resenha partilha desse entendimento e constrói com rigor e exatidão uma forma de análise que privilegia, ao invés de definições gerais e estáticas a partir de conceitos vazios, exemplos de obras literárias, para fazer surgir os pontos de conexão dessas mesmas obras com a tradição filosófica.

Nesse sentido o referido livro é uma coletânea de ensaios críticos, produzidos em inglês e em português, que investigam as relações entre literatura e filosofia a partir da análise crítica de textos de Geoffrey Chaucer, Cervantes, Mario Vargas Llosa, Cunnighame Graham e Euclides da Cunha, incluindo também uma análise sobre o filme *Brazil*, de Terry Gilliam.

O livro se inicia com um ensaio acerca da melancolia criativa e do modo como esse tópico de ausência e de busca de um objeto perdido do desejo é transportado a partir de uma tradição

---

\* Doutorando do PPgEL/UFRN. *E-mail*: pablocapistrano@yahoo.com.br

filosófica que remonta à Empédocles, até a moderna crítica literária norte americana, a partir das apropriações e construções teóricas de Harold Bloom. Há uma divisão temática clara nos ensaios. Surge nos primeiros quatro textos (“Melancolia & poesia: em busca de um estatuto para o objeto perdido do desejo”; “Neoplatonic consolation in Chaucer’s *The Book of The Duchess*”; “Cristianismo neoplatônico em *La Celestina*”; e “Reality, Identity & Ideality in *Don Quixote de La Mancha*”), bem como no último (IX To Old Brazil), uma maior variedade temática com objetos diversos, que orbitam desde a presença da influência do neoplatonismo cristão no *The Book of the Duchess* de Chaucer e *La Celestina*, ou da discussão epistemológica que pode ser recomposta a partir da interpretação do personagem Dom Quixote, na obra de Cervantes.

A partir dessa gama variável de temas e leituras, os autores constroem tessituras teóricas que permitem emergir do mais profundo dos textos o liame que obras literárias mantêm com diversos aspectos da tradição filosófica ocidental. Como por exemplo, no que diz respeito às relações que o texto de Chaucer sustém com a obra “Comentário sobre ‘O sono de Cipião’” de Macrobius, apropriando-se o primeiro das fontes imagéticas que povoam o segundo texto. Esse é um claro exemplo de como é possível, a partir da leitura de um texto literário específico, extrair a base da tradição filosófica que o compõe. Neste sentido, o casal Erickson identifica elementos do pitagorismo presentes na estrutura numerológica existente na obra de Chaucer assim como mostram a presença de relações astrológicas comuns ao ambiente intelectual neoplatônico.

As chaves neoplatônicas presentes na Teologia Cristã dos primeiros anos do milênio passado aparecem também na interpretação do texto *La Celestina* de Fernando de Rojas. Nessa obra, os Ericksons apontam a presença dos modelos matemáticos estabelecidos a partir da academia de Platão, conectando as tradições que envolvem desde as formas geométricas dos triângulos pitagóricos, às fontes imagéticas e numerologias do Apocalipse de São João e ao Tarô de Ferrara. Assim fica evidenciado um conjunto

de imagens presentes na obra de Rojas que o filiaria a esse mesmo corpus neoplatônico.

No ensaio sobre Dom Quixote, a base filosófica que se configura a partir da obra de Cervantes se dá de uma outra forma, no sentido de uma discussão epistemológica presente na crítica literária, acerca do status da personagem central. A loucura de Quixote é vista a partir de uma base epistêmica que problematiza as relações entre realidade e idealidade a partir do ponto de vista do homem de La Mancha. A defesa dos autores do livro é que a opção de Cervantes não foi a de construir um personagem delirante, preso em uma esfera de esquizoidia lingüística que o apartasse da realidade e que substituísse a sanidade do ambiente que o cercava por uma ordem caótica interior. Quixote não é, a partir da leitura dos Ericksons, um “louco” no sentido psiquiátrico do termo. Não há delírio, distorção no conteúdo do pensamento. Talvez alucinação, mudança de enfoque do olhar de Quixote. A construção de Cervantes passaria por uma nova angulação para velhas coisas, com um intuito claro de subverter a ordem política de uma Espanha recém saída de uma violenta guerra de reconquista e marcada fortemente pela presença de uma inquisição selvagem e totalitária.

A parte mais substancial do livro objeto dessa resenha é, no entanto, o conjunto de ensaios que gira em torno da obra de Euclides da Cunha, *Os sertões* (“A Dialética da terra & do homem em *Os sertões*”; “Cunninghame Graham’s Plagiarism of *Os sertões*”; “Dialectics in Mario Vargas Llosa’s *La guerra del fin del mundo*”) e de textos que orbitam em torno de seu núcleo temático como o livro de Vargas Llosa *A Guerra do Fim do Mundo* e de *Brazilian Mystic* (um plágio da obra de Euclides da Cunha, escrita por um obscuro escritor escocês Robert Bontine Cunninghame Graham). No primeiro destes ensaios, os Ericksons contam com a participação de Dejalma Cremonese, Professor de Filosofia na UNIJUI e ex-rienteado dos autores junto ao programa de Pós-graduação em Filosofia na UFSM.

A leitura feita a partir da obra de Cunha mostra que *Os sertões* pode ser lido como uma monografia filosófica. Isso se daria

menos por sua forma acadêmica do que por sua filiação direta a determinadas categorias do pensamento de Hegel. Os autores tomam como ponto de partida a concepção hegeliana de tragédia exposta na leitura que Hegel faz de “Antígona” de Sófocles, na Fenomenologia do Espírito. Para Hegel, o ponto fundamental da tragédia clássica seria o conflito dialético entre personagens que representariam estágios do desenvolvimento da coletividade. Sob esse aspecto, o conflito que envolve Antígona e Creonte no texto de Sófocles a partir da leitura de Hegel poderia ser comparado com os conflitos dialéticos presentes nas obras que orbitam em torno da temática de Canudos. Contradições, oposições, antagonismos, antíteses que oporiam personagens no decorrer da narrativa, em suas várias versões, seriam assim exemplos da tensão dialética que oporia o universo medieval do sertão de Canudos, prenhe de misticismo cristão e de primitividade mestiça; ao mundo moderno, representado pelas forças da República que tentariam impor aos sertões um novo padrão social e cultural.

Na tragédia de Sófocles eclode o confronto dialético entre *Sittlichkeit* (moralidade familiar) representada pelo discurso de Antígona e pelo apego as tradições funerárias da antiga religião privada grega; e a *Legalität* (legalidade institucional) representada pelo discurso de Creonte de defesa dos interesses da polis e dos cultos públicos. Em *Os sertões* de Euclides da Cunha, vai eclodir um confronto de mesmo modelo, com base nas mesmas categorias hegelianas. Uma moralidade arcaica e familiar, representada pelos clãs sertanejos, arrebanhados pelo profetismo bíblico de Antonio Conselheiro, contra o discurso da legalidade institucional da República do general Moreira César.

*Logos & Poesis*, constitui-se assim, em um livro que demonstra de modo bem eficaz um interessante mecanismo hermenêutico, que elucida as relações e conexões entre literatura e filosofia a partir da base de uma tradição intelectual comum, que não permite diferenciações artificiais. A despeito dos problemas de relacionamento entre filósofos e poetas, provavelmente datados a partir da leitura que Al Farabi faz do famoso episódio da expulsão

dos poetas da República platônica, literatura e filosofia, logos e poesis, não podem ser entendidos como esferas estanques e estacionárias, mas como formas que se interpenetram por sobre o solo de uma mesma e irreduzível tradição.